



***MAYOMBE*: NARRATIVA DE GUERRA EM MEIO À INDEPENDÊNCIA  
ANGOLANA**

***MAYOMBE*: A NARRATIVE OF WAR IN THE MIDDLE OF THE ANGOLAN  
INDEPENDENCE**

Evillyn Kjellin<sup>1</sup>

**RESUMO:** este artigo trata da relação entre literatura e história em *Mayombe*, de Pepetela (cujo nome verdadeiro é Arthur Maurício Pestana dos Santos), que através de um romance de anti-heróis busca retratar anos de angústia, resistência e dor do povo africano – embrenhado na mata na luta contra um inimigo comum: o povo português. Porém, o autor irá denunciar que esse ideal comum se confunde com objeções particulares de cada militante que representa a nação. Este breve artigo tratará da história de Angola, da composição da obra e da vida de seu autor, que por meio de fragmentações de personagens compõe sua própria experiência de guerrilheiro na luta pela libertação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Colonização; História; Guerra Civil; Angola.

**ABSTRACT:** this article discusses the relationship between literature and history in *Mayombe*, from Pepetela (whose real name is Arthur Mauricio Pestana dos Santos), that through an anti-hero novel seeks to represent years of anguish, pain and resistance of African people – ingrained in the woods to fight a common enemy: the Portuguese people. However, the author reports that this common ideal is confused with individual objections of each activist who represents the nation. This brief article addresses the history of Angola, the composition of the work and the life of the author, that through the fragmentation of characters composes his own experience as a guerrilla fighter in the liberation struggle.

**KEYWORDS:** Colonization; History; Civil War; Angola.

Os acontecimentos de uma sociedade e sua base econômica, não há como negar, repercutem na produção literária, mesmo que não seja o único fator influente, pois ainda que o autor não deseje, ele identifica em sua produção, independentemente de sua subjetividade, a sua classe, a sua sociedade. Para Eagleton (1976), a ideologia significa o modo de vida de uma sociedade de classes, e é o poema, como manifestação da arte, que traduzirá as ideologias de uma época ou até mesmo revelará aquilo que a ideologia quer esconder; o poema é assim “tomado como relógio solar histórico-filosófico” (Adorno, 2008, p.79). Portanto, sempre existirá a relação entre literatura e história. Este é o objetivo



da crítica marxista: a concepção da forma, do sentido e do estilo com a finalidade de reproduzir uma história determinada; quer compreender a revolução da própria história (Eagleton, 1976), e essa compreensão revolucionária está na representação da realidade, de forma que, “quando um escritor se afasta das lutas da vida e das diversas experiências ligadas a estas lutas, ele torna abstratas todas as questões ideológicas” (Lukács, 1965, p. 80).

*Mayombe*, escrito entre 1970 e 1971, não é um poema, mas um romance transpassado pela história, que, da mesma forma, pode servir como um relógio histórico, como um documento social sobre Angola em sua fase de luta pela independência; é uma obra que não conta a história apenas, mas que a constrói sob a visão de um guerrilheiro que participa dessa luta de libertação – ao mesmo tempo, a obra é também denunciadora de um cenário de massacre, fome, pobreza e corrupção do período pós-colonial e, como consequência, desvela-se como fonte de uma voz de forte impacto social.

Por conta disso, é fundamental discorrer sobre a história angolana para melhor compreender a obra de Pepetela, seu longo período sob o domínio português e, posteriormente, suas lutas internas, as quais se manifestam na obra, de forma evidente, como consequência das significativas transformações que ocorreram em Angola, provenientes dos malefícios de uma ocupação colonial e de suas inevitáveis imposições culturais. É por meio da própria vivência do autor, seu “olhar de dentro” como participante e guerrilheiro do MPLA, que se explicam os diversos discursos de cada narrador-personagem no romance, retratando a incoerência das lutas internas, entre os próprios integrantes do movimento de libertação, representando as questões políticas e sociais, simbolizadas no interior da Floresta Tropical do Mayombe. Observa-se, em cada narração, uma visão particular da luta, do tempo e do espaço, relacionada à diversidade étnica e cultural de cada um desses participantes, todos militantes do MPLA. Assim, enquanto possuem motivações semelhantes, tais como a insatisfação quanto ao colonizador e à organização do combate, também possuem interesses particulares e, em sua maioria, de ordem étnica, relacionados ao tribalismo.

É no século XVI, em 1576, que os portugueses fundam São Paulo da Assunção de Luanda, atual Luanda, capital de Angola, que se torna alvo de economia portuguesa até o século XVIII, baseada no comércio e no abastecimento de escravos, que serviam



principalmente às plantações de cana-de-açúcar e regiões de minérios do Brasil. Assim, logo o Brasil tornou-se dependente dos escravos africanos, visto que os jesuítas protegiam o índio contra a escravidão; “Angola via dentro em pouco todas as suas actividades económicas sufocadas pelo tráfico, com prejuízo grave do seu futuro e da moralidade de toda a sua vida interna” (DIAS, 1959, 87). Mais tarde, já no século XX, inicia-se um novo ciclo económico em Cabinda, província angolana, antigo Congo Português, local de riquíssima reserva petrolífera, e também local onde se situa a Floresta Tropical do Mayombe. O valor económico de Angola, nas palavras de Américo Boavida, pode ser resumido em diamantes, minério de ferro, manganês, cobre e petróleo. Devido a essas riquezas do solo africano, já conhecidas pelos europeus, entre 1884 e 1885, estes decidem partilhar as terras entre si – Conferência de Berlim –, quando vários portugueses são incentivados a irem embora para as colónias, sendo que a maioria deles instalou-se em Angola, região de exploração exclusiva portuguesa.

O sentido histórico da guerra que em Angola opõe o povo angolano a forças colonialistas portuguesas e suas aliadas, definiu-se no quadro de uma luta de classes. Esta é a guerra de uma comunidade oprimida contra uma minoria opressora. Uma guerra entre escravizados e escravagistas, de trabalhadores forçados dos campos contra o colono senhor das plantações [...]. É uma guerra contra o parêntese de opressão de uma minoria europeia numa comunidade africana, com interesses económicos contraditórios e inconciliáveis. (BOAVIDA, 1967, p.35)

A descolonização das colónias africanas – ou províncias ultramarinas, como frisava o colonizador português para minimizar a exploração absurda na região – se dá por volta da metade do século XX por causa da luta dos africanos contra a exploração portuguesa, que se torna insustentável, mobilizando grupos nacionalistas de libertação, dentre eles o MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola, formado principalmente por kimbundos e apoiado pela URSS; a UNITA – União Nacional para a Independência Total de Angola, formada por bacongos e apoiada pelos EUA; e a FNLA – Frente Nacional para a Libertação de Angola, que tinha o apoio da África do Sul e também da China, e também forte presença do grupo étnico ovimbundos. Eram, assim, três movimentos africanos que se uniam contra um inimigo comum: o português. Mas a independência de Angola, ao



contrário do que se almejava durante as lutas de libertação, não foi o princípio de paz, uma vez que uma nova luta se iniciou no território, uma luta de ordem étnica, tribal e cultural entre os angolanos. Se no início a luta era contra o português colonizador, mais tarde passou a ser uma luta interna, entre os próprios movimentos que buscavam a paz – MPLA, FNLA e UNITA –, mas que agora disputam pelo poder de Angola. A partir da Revolução dos Cravos, ou 25 de Abril, que mexe com a estrutura política portuguesa, mediante a queda do salazarismo, abrem-se possibilidades para que as províncias ultramarinas se libertem, e é o MPLA que proclama a independência de Angola em 11 de novembro de 1975, mantendo-se no poder desde o início da libertação, sob o governo de Agostinho Neto, líder do MPLA, substituído após sua morte por José Eduardo dos Santos. As várias promessas de paz entre os movimentos foram interrompidas por inúmeras lutas civis de descontentamento por parte dos grupos que ficaram de fora do controle de Angola, resultando na união do UNITA ao FNLA contra um novo inimigo comum: o MPLA. Contudo, após um longo período de lutas armadas entre eles, os movimentos transformam-se apenas em partidos políticos, sem armamentos. O MPLA permanece no poder, vencendo as eleições realizadas em setembro de 2008. No princípio, Angola era um país de regime socialista, marxista e unipartidário, porém com a queda gradativa da União Soviética, que tem seu fim em 1991, entra num processo de democratização, tornando-se ex-marxista, constituída politicamente entre o social e a democracia.

Os países colonialistas europeus, mais precisamente as potências europeias, fazem da África um mercado de exportação para seus produtos industriais, assim, investiam nessas colônias para que pudessem ser consumidores dessas metrópoles, de forma que a escravidão já não é mais o meio pelo qual irão enriquecer. Mas, logicamente, a abolição da escravidão aqui não é uma campanha generosa da Inglaterra – que toma tal atitude – a favor deste povo oprimido:

Dizia-se que a Inglaterra tendo verificado que as colônias de trabalho escravo eram fontes inesgotáveis de riqueza, tudo fizera por obter essas colônias; que só depois da aparição do açúcar da beterraba, provendo a ruína das colônias açucareiras, é que a Inglaterra passara a exigir a abolição do tráfico dos negros. Impossibilitada de fazer frente à América do Sul, cujo sistema agrícola se baseava na escravidão, tomara o partido



de acabar com esta de um só golpe, para desta forma arruinar os seus concorrentes [...] (DIAS, 1959, p. 319).

Outros países fazem parte do grupo de colonialistas subdesenvolvidos da Europa, visto que as colônias serviram a eles “como campo de rapina, fator essencial de equilíbrio das finanças nacionais. Quanto mais ricas eram as colônias, mais pobres se tornavam esses países” (BOAVIDA, 1967, p.125), de forma que o parasitismo, baseado na escravidão, contribuiu para o empobrecimento dessas metrópoles, já que esse sistema econômico absorveu quase que por completo o desenvolvimento industrial, fazendo com que esses países permanecessem em atividades como a agricultura, a pesca e a mineração, o que os impediu que se modernizassem diante dos outros países. Apoiando-se nessa perspectiva, tem-se Portugal como um país subdesenvolvido que busca na África a subtração da colônia, explorando-a ao máximo para obter o máximo de lucro, aliás, os portugueses marcharam contra o fim da escravidão incansavelmente, até receberem um ultimato das potências internacionais da época. Ora, “Angola sofre o peso de uma exploração monstruosa que asfixia as possibilidades imensas das riquezas do subsolo [...]. As vendas feitas a Angola representam metade da exportação total para o ultramar” (BOAVIDA, 1967, p.82), o que se registra como um déficit estável para a economia portuguesa.

### **Experiências num relato literário**

Utilizando-se da ficção como testemunho, Pepetela usa grande parte de suas próprias experiências para subsidiar *Mayombe*. Por conta disso, a obra é considerada, por diversos críticos, como não sendo mera ficção, mas sim uma espécie de documento que relata a situação interna das guerrilhas pela libertação de Angola. Em 1961 por ter ligação com a Casa dos Estudantes do Império, Pepetela se envolve mais profundamente em questões políticas, pois, apesar da Casa ser financiada pelo governo português, ela será uma concentração de alunos provenientes das colônias, que, por sua vez, defendiam o fim do colonialismo. Ingressa no MPLA em 1963, e é nesse período que Pepetela se forma em



Sociologia. Já como guerrilheiro, é enviado a Cabinda e vai para Frente Leste (Moxico) em 1972, onde fica responsável pela educação, voltando para Angola somente dois anos depois. Em 1975, vai para Benguela como Diretor do Departamento de Orientação Política do MPLA, todavia assume a função de Comandante, mas adoece durante a invasão sul-africana e volta para Luanda no fim deste ano e retorna a seu país, que já se encontra em situação de independência. Ele deixa as forças armadas para se dedicar à educação e em 1976 é nomeado Vice-Ministro da Educação, cargo que vai exercer até 1982. Essa sua experiência dá à *Mayombe* a possibilidade não só de apresentar a relação desgastada entre Portugal e África, mas também uma forte crítica ao MPLA. Ora, assumir que o MPLA não é tão perfeito quanto parece, revelar seu racismo, sua corrupção e seu machismo é uma atitude, pelo menos, corajosa deste autor, que coloca os heróis da obra em posição de anti-heróis, justamente por retratá-los em suas dificuldades, como figuras puramente humanas.

É através desta perspectiva que Carlos Serrano vai tratar *Mayombe*. Em entrevista com Pepetela, Serrano vai chamar a obra de “documento social”, uma vez que ela traduz a realidade da história vista de um ângulo de quem a vivenciou. Nessa entrevista, Pepetela admite que, apesar de *Mayombe* ser uma obra ficcional, ele se sente representado e “fragmentado” nos diversos personagens e narradores, pois por meio destes, ele irá introduzir na ficção diversas experiências, tanto de sua formação de sociólogo quanto de militante do MPLA; indaga a necessidade de Pepetela tratar a história em forma de romance e não optar por um artigo acadêmico, por exemplo. Então, *Mayombe* será uma ficção que vai se inspirar na cultura da oralidade e esse tipo de representação não é tão “frio” e impessoal quanto um registro histórico. Com o tempo, os relatos de quem viveu no tempo de movimentos revolucionários pela libertação vão se extinguir e os registros não terão a profundidade das experiências possíveis de se sentir ao se ler o romance. Por essas razões, Pepetela justifica sua opção por escrever uma ficção relatando a vivência colonial e dos que lutaram para mudar a situação de um país.

Antes de publicar a obra, Pepetela entrega-a a Agostinho Neto – líder do MPLA e presidente de Angola – para que possa lê-la. Não há dúvidas de que as razões aqui eram políticas: a obra reveladora dos “pontos fracos” do MPLA poderia favorecer o ataque dos inimigos, e a postura de Agostinho Neto, ao concordar com a crítica da obra, favoreceria



ainda mais a veracidade dos fatos. Foi por isso que o autor de *Mayombe* publicou a obra apenas em 1980 e, mesmo assim, com receio, visto que a revolução ainda era muito recente – note que se passam apenas cinco anos da independência.

Mayombe é o nome de uma floresta situada ao norte de Cabinda, na qual se encontram árvores que podem ter, em média, 50 metros de altura, o que a caracteriza como uma floresta grande e imponente. Essa floresta deu nome à obra de Pepetela por ser o local onde se passam diversos combates entre o exército português e o africano. Gastão Sousa Dias assim descreve a floresta:

Deve fazer-se especial referência à chamada floresta equatorial, constituída por selvas impenetráveis, filhas da umidade e da elevada temperatura, que cobrem as riquíssimas zonas do Maiombe [...] a vegetação tropical se mostra em toda a sua rica variedade de grandes árvores, plantas, parasitas e lianas. (DIAS, 1959, p. 33.)

É possível perceber, através de trechos do romance, que a floresta, ao mesmo tempo em que servia de abrigo, também causava medo e aflição nos combatentes. Em um destes trechos, observa-se uma descrição, no segundo capítulo intitulado “Base”, referindo-se à floresta como ameaçadora, em que “a mata criou cordas nos pés dos homens, criou cobras à frente dos homens, a mata gerou montanhas intransponíveis, feras, aguaceiros, rios caudalosos, escuridão, medo.” (PEPETELA, 1982, p.71). Por outro lado, desta mesma mata é que vêm as “comunas”, alimento retirado da própria mata em momento de escassez de mantimentos, uma espécie de amêndoa que servia de refeição para os combatentes, o nome foi inspirado no comunismo, uma vez que o movimento era apoiado pela URSS. Por isso, após dias de caminhadas desgastantes “o “comunismo” fez engordar os homens, fê-los restabelecer dos sete dias de marchas forçadas e de emoções” (idem, p.70).

É importante ressaltar que em diversas ocasiões a mata é descrita de forma poética, pois a paisagem passa a fazer parte da realidade das personagens:

As árvores enormes, das quais pendiam cipós grossos como cabos, dançavam em sombras com os movimentos das chamas. Só o fumo podia libertar-se do Mayombe e subir, por entre as folhas e as lianas, dispersando-se rapidamente no alto, como água precipitada por cascata estreita que se espalha num lago. (PEPETELA, 1982, p.6)



A altura das árvores e a vastidão da mata fazia com que a claridade do dia fosse restrita a poucas horas, tornando a floresta um lugar com diversas tonalidades de verdes, em uma escala do mais claro verde até o mais escuro. Esse aspecto dificultava, em diversas ocasiões, a movimentação do exército pela mata, sendo possível apenas se identificar pessoas, animais e objetos pelo contorno ou pelo som.

As diversidades observadas na mata (a imponente do conjunto de espécies presentes na floresta comparadas aqui à mestiçagem do povo angolano) configuram para Benjamin Abdala Junior, uma metáfora usada por Pepetela. Ora, as diversas tribos, as divergências culturais e políticas existentes no conjunto que compunha um mesmo exército, representam a mata, que vista de fora dá a impressão de harmonia. Toda a mata busca a luz, assim como os braços dos soldados buscam a liberdade, “os troncos nascidos da terra comum têm trajetórias individuais e calibres diferentes, mas confluem para uma solidariedade de galhos [...]” (PEPETELA, 1982, p.182). Todos partem de uma mesma raiz para atingirem um mesmo objetivo, porém sem perder suas individualidades. A importância da terra, tanto para a floresta quanto para o povo, é ressaltada durante toda a obra, é a luta por um mesmo ideal, percebida também no fim do romance quando o Comissário faz questão de enterrar o corpo de Sem Medo e de Lutamos no chão de Mayombe, visto no capítulo “A Amoreira”.

Ao retratar a rotina dos guerrilheiros nas lutas de libertação, *Mayombe* reflete a presença da cultura ocidental e, especialmente, da cultura lusitana no território africano. Essa presença se destaca na influência literária, demonstrada no gênero do livro, onde se acentua o tom épico que a obra carrega, confundindo-se por vezes com o trágico, com o romântico e com elementos característicos da contemporaneidade. Esta flexibilidade de gêneros possíveis presente no romance se deve, segundo Bakhtin (1993), por este constituir-se de acordo com a história, podendo abranger questões díspares em linguagens diversas.

Para Tania Macêdo (2008), a questão das narrativas de guerra angolanas está vinculada não somente à influência da tradição ocidental, mas também às narrativas orais que são transmitidas entre as pessoas. Segundo a autora, Pepetela atribui a seus



personagens “uma genealogia nobre que lhes permite dominar as artes da guerra e da floresta, e os torna divinos.” (MACÊDO, 2008, p.118), firmando, dessa forma, sua obra como um canto de louvor à guerra, demonstrando desde a dedicatória o caráter épico pretendido, “aos guerrilheiros do Mayombe que ousaram desafiar os deuses”, incumbindo-se de “contar a história de Ogum, o Prometeu Africano”, em clara aproximação a *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões. Essa característica, presente nas duas obras, não se restringe à utilização de seres mitológicos, mas também às referências utilizadas, baseadas nas epopeias clássicas que instauram no romance de guerra a presença de um herói, que, nas obras comparadas, retrata na figura do povo o herói que luta por seus objetivos.

Os modelos de relatos tradicionais de guerra são *Eneida*, *Odisséia* e *Ilíada*. Ao se comparar *Os Lusíadas* e as grandes epopeias da Antiguidade Clássica, pode-se afirmar que a obra se insere na linha greco-romana, aproximando-se especialmente de *Odisséia*. O livro de Pepetela aproxima-se também da *Odisséia*, pois, assim como na obra de Camões, seus heróis apresentam características humanas.

Os personagens presentes em *Mayombe* são representantes do povo que, incumbidos de lutar em prol da libertação, demonstram suas histórias e conflitos. Com exceção da personagem Ondina, todos são nomeados por alcunhas de guerra, como característico em grupos de guerrilha. Esses apelidos inspiram-se em algum traço da personalidade do guerrilheiro ou assinalam a função que ele desempenha na estrutura militar. Sem Medo é o comandante do grupo, ele e o Comissário Político aparecem como as personagens principais do romance – a relação que se estabelece entre eles pode ser comparada à de pai e filho, no entanto suas personalidades são bastante distintas. De acordo com Vinicius Baião (2007), enquanto o Comandante Sem Medo tem sua personalidade já formada desde o início do livro e não passa por nenhum tipo de alteração psicológica, o Comissário Político sofre ritos de passagem que o transformam, reorganizando sua posição no mundo. O Comandante, desta forma, aproxima-se de um herói épico, e o Comissário, com suas dúvidas e falhas, como os heróis romanescos, é quem vai atravessar toda a história, passar por aprendizagens até se firmar como o principal líder do grupo guerrilheiro. O Comandante, então, caracteriza-se como o instrumento necessário para a evolução do outro.



A presença de personagens femininas está a cargo de mestiças – Leli, filha de um comerciante português, é a paixão de Sem Medo, e motivo de sua descrença no amor, e Ondina, jovem professora de personalidade forte, é um dos motivos da transformação do Comissário. Ondina é a única personagem feminina que atravessa a história, pois Leli aparece apenas nas recordações do Comandante. Em meio a um mundo comandado por homens, a presença de Ondina se destaca, funcionando como elemento de contradição, pois como mulher sedutora e provocante, ela representa o inverso do machismo ao declarar seus desejos, atitude condenada em um mundo dominado por homens. Assim, tem-se o confronto entre os valores culturais da tradição africana e do liberalismo europeu.

O livro é dividido em cinco capítulos acrescidos por um epílogo, e sua narrativa é comandada por um narrador em terceira pessoa, porém, excetuando-se o Comandante, todos os demais personagens assumem a narrativa no decorrer da história. Pepetela se utiliza dos personagens para contribuir com a narrativa com descrições ou divagações sobre algum tema, servindo como reflexão para sustentar os acontecimentos narrados. Essas narrativas são sempre em primeira pessoa, cada personagem desenvolve uma reflexão autônoma a respeito de suas motivações enquanto lutadores pela independência, motivações estas que são singulares na medida em que as origens de cada indivíduo se apresentam diferentes. A decomposição do narrador serve para oferecer uma visão diversificada do assunto, contudo a obra como tal não é fragmentada graças ao narrador que une os relatos parciais e garante a integridade do texto.

Os narradores que entram na narração pertencem a diferentes tribos, sua intervenção ou presença no texto está ligada com a estrutura demográfica no âmbito da guerrilha ou, até, do MPLA como tal, também o grau de instrução e o lugar ocupado na hierarquia explicitam relações específicas entre as pessoas. Ao longo do desenvolvimento da história, apresentam-se como personagens narradores o mestiço Teoria, professor da Base, Milagre, homem da bazuka, Mundo Novo, um desinteressado, marxista-leninista, Muatiânvua, um destribalizado, os kikongos André e Chefe do Depósito, Lutamos, único cabinda da guerrilha, e João, Comissário Político que é considerado um destribalizado. Teoria é o primeiro narrador e levanta a questão da mestiçagem, por ser filho de mulher negra com homem branco, diz representar o talvez:



Num universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não para quem quer ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? (PEPETELA, 1982, p.7)

Muatiânvua também reflete sobre a mistura de raças e sobre o tribalismo, pois como já viveu em muitos lugares, lutou com muitas tribos, não se considera como pertencente de apenas uma. Em seu discurso, projetam-se as verdades que se identificam com a emergência desse momento novo na história de Angola. Como a tarefa política da guerra consiste em formular uma prática que, unificando as vozes, venha conferir unidade aos povos, raças, tradições, ele posiciona-se como um homem que já compreendeu que o projeto de independência não consegue ainda ensinar a todos. Através do seu discurso observa-se a importância da Língua Portuguesa como meio de comunicação, onde ela não é só o idioma dos colonos, mas é também o elemento unificador das tribos de Angola, pois, devido à variedade enorme de línguas existentes, é necessário uma que seja compreensível para todos. As personagens e os narradores usam na sua totalidade o português, que nessa situação sofre modificações:

Querem hoje que eu seja tribalista! De que tribo?, pergunto eu. De que tribo, se eu sou de todas as tribos, não só de Angola, como de África? [...] Qual é a minha língua, eu, que não dizia uma frase sem empregar palavras de línguas diferentes? E agora, que utilizo para falar com os camaradas, para deles ser compreendido? O português. A que tribo angolana pertence a língua portuguesa? (PEPETELA, 1982, p. 133)

Assim como Muatiânvua, Milagre, ao assumir a narração, demonstra que também tem experiências íntimas com a crueldade do sistema colonial nos seus piores momentos. Seu pai foi morto pelos portugueses, de maneira que a orfandade aparece como estímulo principal que leva o personagem a participar na luta contra os colonizadores. O último narrador é o Comissário Político, o qual assume a evolução que sofreu durante toda a história, e a atribui à morte do Comandante Sem Medo.

Percebe-se uma distinção de perfis entre os personagens, em que todos possuem características que remetem a algo que vem a ser problematizado. Esse é o trunfo que



Pepetela utiliza para fazer críticas ao sistema, ao tribalismo, ao aparelho, ao homem, aos costumes, à religião, ao machismo e ao próprio movimento. Através das vozes dos narradores, é possível entender de forma ampla a situação de Angola, que tenta se unir pela guerra apesar de dívida por tantas guerras internas. É dessa forma que o autor consegue aprofundar o debate acerca desses temas que são abordados de diferentes maneiras por cada narrador. A pluralidade do texto é fundamental para a estrutura do romance e vem a calhar, especialmente quando se trata de um relato de guerra que tem como propósito o projeto de uma nação plural.

Por terem sido submetidos ao império, muitos países da África, como Moçambique, Angola, Cabo Verde etc., tiveram suas economias, identidades e tradições solapadas. Não bastasse isso, extraíram além de tudo riqueza natural e mão de obra: “os alicerces do imperialismo da sólida era moderna eram a conquista do território com o propósito de ampliar o volume da mão de obra sujeita à exploração capitalista. (BAUMAN, 2005, p. 46). Dessa maneira, *Mayombe* acrescenta, sobretudo, um outro foco de observação em relação aos conflitos pós-colonialistas num país africano que, como muitos outros, tenta ainda hoje perenizar suas tradições.

## REFERÊNCIAS

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. CNPQ. *Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX*. São Paulo: Ática; [Brasília]: CNPq, 1989. 199p (Ensaio; 130)
- ADORNO, Theodor. W. Palestra sobre lírica e sociedade. 2. ed. Em: *Notas de literatura I*. São Paulo: Editora 34, 2008.
- BAIÃO, Vinicius. Disponível em: <[www.armadilhapoetica.com](http://www.armadilhapoetica.com)>. Acesso em: 22 fev. 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética – a teoria do romance*. 4. ed. São Paulo: Edunesp, 1993.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.



BOAVIDA, Américo. *Angola: cinco séculos de exploração portuguesa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

DIAS, Gastão Sousa. *Os portugueses em Angola*. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar, 1959.

EAGLETON, Terry. Literatura e história. Em: *Marxismo e crítica literária*. Trad. Antônio Sousa Ribeiro. Porto: Afrontamento, 1976.

LUCÁKS, Georg. Narra ou descrever? Em: *Ensaios sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

MACÊDO, Tânia. Os anos de pólvora: narrativas sobre a guerra da ficção angolana contemporânea. Em: *Lendo Angola*. Laura Padilha e Margarida Calafate Ribeiro (orgs.). Porto: Afrontamento, 2008.

PEPETELA. *Mayombe*. São Paulo: Ática, 1982.

SERRANO, Carlos. *O romance como documento social: o caso de Mayombe*. (Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/site/img/upload/849433.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2011.)